

diante dos problemas atuais. A promoção do conhecimento, não significa apenas a busca de possíveis soluções para os atuais problemas, mas, acima de tudo, a busca de alternativas para preveni-los.

A participação da Universidade, através da Educação, no projeto de desenvolvimento regional, deve estar atenta à produção de uma cultura alicerçada em valores éticos e morais permanentes e verdadeiros, ressaltando entre eles, os democráticos. A democracia interna e social tem amparo na sociedade, no entanto, não pode ser demagógica e nem populista: *A verdadeira democracia significa conviver bem com os diferentes*, pois dessa maneira a Educação cumpre o seu papel no Desenvolvimento Regional.

## AS SURPRESAS DO MODELO CONCEITUAL DE BECKER

Sérgio Schaefer\*

Percebemos que o conceito básico que comanda as articulações discursivas do tema apresentado por Dinizar Becker — *Competitividade: Um novo padrão de desenvolvimento regional* — vem a ser o conceito de construção. Evidentemente, este conceito não nos é dado assim nessa sua forma singela. O autor soube complexificá-lo com pelo menos outros quatro sub-conceitos que, juntos, constituem um sistema conceitual. Esses outros sub-conceitos são: desconstrução, reconstrução, igual e diferente.

Proponho-me, nesse momento, a fazer uma análise, mesmo que superficial, devido ao pouco tempo que cabe a cada debatedor, do sistema conceitual que sustenta o exercício de compreensão e interpretação crítica feito aqui pelo palestrante a respeito das transformações porque passa o capitalismo contemporâneo.

Minha análise, como se pode ver, pende muito mais para a dinâmica lógica do próprio discurso do que para os aspectos contingentes do processo capitalista, tal como este se dá neste ou naquele momento, nesta ou naquela parte do mundo, nos países de "capitalismo organizado" ou naqueles de "capitalismo regulado".

\*\*\*

Vejamos, pois, como se organiza conceitualmente a palestra que acabamos de ouvir.

Becker aceita uma situação original — que mais à frente chamaremos de situação de princípio — como ponto de referência e ponto de partida: existe algo já construído. A construção já existente, este algo já construído se identifica consigo mesmo, ou seja, é um igual. Nele não aparecem nem transparecem diferenças. Segundo a formulação clássica, vigora aqui o monótono princípio de identidade:  $A = A$ , ser = ser, árvore = árvore, pobre = pobre, capitalismo = capitalismo etc.

\* Professor no Mestrado em Desenvolvimento Regional - UNISC  
Professor no Departamento de Ciências Humanas - UNISC  
Doutorando em Filosofia - UFRGS

A partir desse clima lógico paralisante e paralisado, Becker introduz um movimento conceitual, ao qual, buscando apoio no livro de Norberto Bobbio, *Direita e esquerda*, passa a chamar de dialético (cf. item "Instrumental" no texto do autor). Esse movimento será deflagrado pelos conceitos de desconstrução, reconstrução e diferença.

O que significam esses novos conceitos? A desconstrução é associada à implosão do igual. Este, o igual, será desigualizado consigo mesmo. A esse movimento poder-se-ia chamar de movimento *des*, seguindo o modelo mais léxico-mecânico que lógico-dialético do autor (cf. item "Lógica"). Vamos dar um exemplo. Se alguém segue as regras, é regrado. A isto corresponde, na visão de Becker, a construção do igual ou a igualização. Desde o momento em que esse alguém não segue mais as regras passa a ser desregrado. Esse segundo momento corresponde à desconstrução do igual ou à desigualização. (Cf. Quadro 2 do item "Lógica", onde é apresentada uma lista de outras situações construtivas e desconstrutivas: burocratização/desburocratização, alienação/desalienação etc.).

Esse, em poucas palavras, é o movimento *des*. Já o segundo movimento, que chamaremos *movimento re*, e que corresponde ao que Becker denomina reconstrução, é associado à implementação da diferença. O igual da situação construtiva foi desigualado na situação desconstrutiva e agora é reconstruído pela diferença. Retomando o exemplo dado acima do regrado/desregrado, ao momento da reconstrução corresponderia algo assim como um re-regramento ou uma situação re-regrada (cf. o mesmo Quadro 2 acima citado). Quer dizer, alguém abandonou ou recusou as regras antigas e implantou novas regras. Como essas novas regras são diferentes das antigas, pois do contrário não seriam novas, o autor termina por batizar essa situação de reconstrução do diferente.

Para fechar nossa análise da organização conceitual do discurso de Becker, observemos mais de perto os movimentos *des* e *re*. O autor não nega situações de princípio. Estas continuam e continuarão existindo para sempre. Apenas aceita mudanças internas a essas situações de princípio. Para compreender o que estamos querendo dizer, usemos o seguinte exemplo muito simples: os homens sempre seguiram e seguirão regras (essa é a situação de princípio); o que pode mudar são regras específicas, contingentes, históricas, *estas* regras do aqui e agora. Os homens podem, se quiserem, criar novas regras e negar as antigas. Mas o que nunca vai deixar de ocorrer é a situação de princípio, isto é, que os homens, enquanto existirem em sociedade, sempre terão regras.

\*\*\*

Tudo isso parece convincente e defensável. Afinal, as coisas podem e devem mudar. Isso todos nós aceitamos sem problema. Entretanto, o modelo conceitual de Becker esconde uma surpresa ou armadilha teórica que terá, na prática, conseqüências inevitáveis. Vamos agora apresentar esse novo aspecto.

Vimos acima que o autor incorpora no seu modelo conceitual situações de princípio. Basta repassar os olhos no Quadro 2, antes citado. Tomemos desse quadro um exemplo diferente do das regras, usado antes: a burocratização. O movimento de desconstrução nega a anterior burocratização, ou seja, instaura-se uma situação de desburocratização. Essa situação, todavia, não nega a burocracia "em si", mas encaminha tão-somente para uma nova situação, para um novo tipo de burocratização. O autor, como sabemos, chama isso de reburocratização. Talvez agora tenha ficado bem claro que a situação de princípio — a burocratização — não é negada de modo nenhum. O novo mundo transformado de Becker continua a ter burocracia, mesmo que não no estilo da antiga, e sim uma renovada reburocracia. Isso significa, em duas palavras, que sempre teremos burocracia no mundo. O que pode e deve mudar são os modos contingentes, provisórios, passageiros de construir a burocracia.

Tomemos agora mais um exemplo, a fim de pôr à prova o alcance lógico do modelo conceitual em análise. Esse exemplo é o capitalismo. O capitalismo se transforma internamente e ninguém pode negar essas mudanças. Conforme a lógica prefixual *des* e *re* de Becker, essas mudanças podem ser chamadas de descapitalismo e de recapitalismo. Isso significa, e agora já sabemos, apenas modificações *no interior* do capitalismo e não negação *do* capitalismo na sua dimensão de princípio econômico, social, político e cultural.

Em última instância, a lógica de Becker leva a aceitar o capitalismo como um sistema que não mais há de ser negado. Transformações — como a globalização, a regionalização, a flexibilização — podem e até devem ocorrer, mas não pode ocorrer a negação do sistema, isto é, a negação da situação de princípio. Essa lógica é a mesma de Fukuyama e conduz à tese do "fim da história". Quer dizer, o capitalismo é o último sistema, o ápice a que pode chegar a humanidade, tanto do ponto de vista econômico, quanto social, político e cultural.

Quando linhas atrás falamos em surpresa ou armadilha, quisemos dizer o seguinte: o modelo conceitual proposto por Dinizar Becker para interpretar e compreender o mundo contemporâneo nos encaminha a uma espécie de fatalismo teórico e que, *mutatis mutandis*, é o mesmo que está presente na interpretação que Aristóteles dá da realidade. Há núcleos duros, impermeáveis,

inflexíveis, imutáveis nas diversas feições do real, as chamadas substâncias, que não se transformam, mas que são suportes das mudanças acidentais. Assim, por mais que se globalize, regionalize ou flexibilize o capitalismo, a substância a suportar essas transformações será o capitalismo, o mesmo, e daqui para frente eterno, capitalismo.

As conseqüências práticas de tal fatalismo teórico são evidentes. Quem não vê razões teóricas para mudar o núcleo da realidade terá de adotar coerentemente um fatalismo prático, isto é, não verá razões práticas para modificar esse núcleo imutável.

\* \* \*

Vou encerrar esta minha intervenção, desejando que o palestrante me conteste, principalmente porque sei que não é a lógica substancial acima exposta que ele defende. Entretanto, pode ser que o seu discurso quis tão-somente apresentar a lógica que caracteriza o sistema capitalista hoje em dia. Se sua intenção foi essa, penso que conseguiu indicar elementos importantes para todos nós, no sentido de vermos quão difícil será quebrar a espinha dorsal de um sistema que se pensa eterno.